

Perversão moral

RAUL PILLA

OSÓRIO BORBA chamou, em documentada crônica, «Era do Cafajeste» à triste quadra atual da vida pública brasileira. Parece-me exata a observação. Estamos assistindo, realmente, ao acanalhamento das instituições. O longo hiato produzido pelo sr. Getúlio Vargas na atividade democrática e o súbito restabelecimento do direito de voto, em 1945, sem que tivesse havido tempo para uma campanha de esclarecimento e reeducação, acabaram com o que ainda restava à chamada República Velha: as boas maneiras.

Quem nos dera, porém, que esta fôsse somente a era do cafajeste! Não seria tão grave o mal, pois há cafajestes que se educam e podem tornar-se perfeitos cavalheiros. Muito mais profunda me parece a doença social do Brasil. Estamos também na Era da Imoralidade, ou, o que talvez seja pior, na Era da Amoralidade. Digo também, porque uma coisa não implica a outra. Quadras de profunda corrupção registra a História, em que as boas maneiras não se perderam e, até, requintaram.

Estamos, pois, na Era da Amoralidade, na era em que os fatores morais perderam todo pêso e consistência. Nem a fidelidade aos princípios, nem a mais rigorosa honestidade pessoal recomendam já o homem público à consideração dos seus compatriotas. Pelo contrário, o que se considera vulgarmente político hábil e capaz, homem público merecedor da preferência popular é o que mente, o que engana, o que se prevalece dos cargos para enriquecer e usa, como se próprios fôsem, os recursos da coletividade. Esses são os admirados e preferidos. Dos outros, o menos que se diz é serem destituídos de inteligência.

Seria necessário apontar exemplos desta perversão moral?